

TÊXTEIS DOMÉSTICOS DE QUARTO E COZINHA: MEMÓRIAS E REAPROVEITAMENTO

Bedroom and kitchen home textiles: memories and reuse

Morgado, Débora Pinguello; Bacharela; Universidade Estadual de Maringá,
deborapmorgado@hotmail.com¹
Simili, Ivana Guilherme; Doutora; Universidade Estadual de Maringá,
ivanasimili@ig.com.br²
La Moda – Laboratório de Estudos e Pesquisas em História, Moda e Cultura

Resumo:

Os têxteis domésticos que perduraram no tempo, dentro das gavetas, formam um acervo material e cultural da história familiar. O feitiço desses têxteis, tido como índice de feminilidade prescrito às donas de casa, forma pistas de uma cultura feminina, e podem ser eles reaproveitados como forma de reviver memórias familiares e discursar sobre o papel da mulher na década de 1960.

Palavras Chave: têxteis domésticos; enxovais; memórias; reaproveitamento.

Abstract:

Home textiles that endure in time, within the drawers, creat a material and cultural collection of the family history. The making of these textiles, considered as an index of femininity prescribed to housewives, form clues of a female culture, and can be reused as a way to revive family memories and discourse about the role of women in the 1960s.

Keywords: home textiles; outfits; memories; bedroom; reuse.

Introdução

Guardados em gavetas de armários, amarelados pelo tempo, com manchas de café ou de um amor velado, perfumados pelo esquecimento e por sabonetes em pacotes de filó, os têxteis domésticos, ou têxteis lar – assim definidos pela indústria têxtil –, além de decorarem a casa, abrigam, muitas

¹ É graduada em Moda pela Universidade Estadual de Maringá e atualmente é aluna do curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em História, pela mesma instituição.

² Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá.

vezes, as lembranças matrimoniais, o anseio pelo casamento que se fazia ver na constituição dos enxovais, o início de uma vida a dois e posteriormente o nascimento e a criação dos filhos.

A relação da mulher com o ambiente doméstico e com sua decoração é antiga e persistente. Simmel (2008, p.5) observava que, condenadas durante a maior parte da história a uma posição social de debilidade, as mulheres passaram a se apegar “[...] com tudo o que é “costume”, com aquilo “que fica bem”, com a forma de vida geralmente aceita e reconhecida.”, explicando dessa forma o elo feminino com o gosto pela decoração e pela moda.

Assim como na moda é acentuado o impulso para a homogeneidade e imitação ao mesmo tempo em que se busca a distinção, a decoração dos ambientes com artefatos têxteis é marcada por uma padronização, encontrada e percebida, principalmente, nos quartos e cozinhas pelo estilo das estampas, pinturas e bordados, e também nos modelos dos artigos. A distinção, numa época em que era primordial às mulheres desenvolverem trabalhos manuais de linha e agulha, se dava pelas habilidades de cada uma, ou pelas condições financeiras, e se fazia notar nas visitas das “comadres” que em segredo cobiçavam as roupas de cama e mesa das casas alheias e os reproduziam em suas casas.

Na década de 1960, período pelo qual percorre este trabalho, os têxteis domésticos bem feitos e cuidados representavam a dedicação da mulher ao seu lar e à sua família, tarefa essa imprescindível ao *status* da boa mulher. Como afirma Arend (2012), desde o século XIX até boa parte do século XX as mulheres eram apresentadas muito cedo aos trabalhos manuais de costuras e bordados para que confeccionassem os têxteis domésticos que comporiam seus enxovais. Os alinhavos para o casamento, entre as moças do século XIX, era um ritual muito importante, pois o casamento era “[...] uma espécie de favor que o homem conferia à mulher, o único meio de adquirir status econômico e social, pois aquela que não se casava era mulher fracassada e tinha de se conformar à vida cinzenta de solteirona [...]” (SOUZA, 1996, p.90).

O casamento, como um presente à mulher, era embrulhado em tecidos de sentimento e algodão, decorados com laços de afeto e de cetim. Assim, a

juventude à espera de um matrimônio e a vida de mulher casada eram cercadas de têxteis domésticos e de seu feitio. Trata-se de uma memória material importante para a história conjugal e a história da formação de uma família; memória essa que a linguagem não é capaz de dar conta.

De acordo com Cerqueira e Santos (2011) os objetos nos permitem ter acesso a aspectos da vivência social e cultural que não se comunicam nem se expressam em toda sua grandeza por meio da linguagem escrita e oral. Somente os objetos trazem as formas que dialogam de maneira íntima com a história de cada um e determinam assim a marcação da temporalidade e da percepção de um olhar a si próprio, que permite dar continuidade à vida social.

Podemos dizer que os artefatos, e neste caso em específico, os têxteis domésticos, como produtores de sentido à história familiar e feminina, alinhavam o cotidiano “[...] posicionando a percepção de pertença ao tempo, a uma geração, a uma época, a um conjunto de códigos culturais que funcionam, ao mesmo tempo, como marcadores de identidade.” (CERQUEIRA; SANTOS, 2011, p. 307). Abrir as gavetas que encerram os têxteis domésticos e reutilizá-los de diferentes formas, inclusive na produção de vestes para o corpo, se constitui uma bela forma de reviver as biografias familiares, em especial das mulheres da casa.

Assim, o objetivo desse texto, ao tratar do assunto da memória vinculado à história das mulheres, tendo os têxteis domésticos como os objetos portadores das lembranças, é suscitar alguns modos de reaproveitamento como meio de preservar e contar histórias. O desenvolvimento do texto tem seu início percorrendo as noções de memória e de patrimônio, que são estabelecidos por alguns historiadores, entre eles, Costa (2007), Halbwachs (1925), Ricoeur (2007) e Stallybrass (2008), e a socióloga Crane (2006). Em seguida, a busca por biografias e pela história das mulheres no Brasil do século XIX e XX se fará essencial à compreensão da importância dada aos saberes e fazeres de linha e agulha destinadas às meninas e donas de casa. Para tal, autoras como Arend (2012) e Perrot (2011) são fundamentais e enriquecem o estudo. Para tratar de reaproveitamento, consumo e sustentabilidade – reflexões caras ao entendimento do presente e da necessidade do resgate das

memórias –, foram perseguidas as pesquisas de Berlim (2012), Burke (2003) e Lipovetsky (2009).

A memória e os têxteis domésticos contra o esquecimento

A história das famílias não revela tão somente uma história que se refere à particularidade de cada uma. Propagadas, elas contam também uma história social, da memória mais ampla da sociedade, como sugere Halbwachs (1925).

Memórias se transmitem por meios intangíveis, como as histórias que se contam, e também por meios tangíveis, que podem ser objetos e patrimônios culturais. Segundo Costa (2007), a memória material revela conhecimentos passados que, na medida em que se propagam, encaminham os cursos da vida, pois sem o conhecimento do passado não há consciência do próprio presente e esmaecem-se as perspectivas de futuro.

Na óptica de Ricoeur (2007), a memória carrega em si três traços: a presença, a ausência e a anterioridade, ou seja, faz-se presente o ausente que um dia existiu. Desta forma a memória não busca apenas uma imagem fantasiosa, mas um dado que está guardado. Memória e imaginação estão ligadas não somente pela fantasia, mas pela representação de coisas reais. Funciona a memória como uma defesa do esquecimento. Quanto mais a memória é exercitada mais se torna capaz de guardar informações. Assim, os têxteis domésticos, tidos como patrimônios familiares portadores de lembranças, despertam a memória e defendem o sujeito do esquecimento de sua própria história, da perda de sua identidade.

A memória também é de fundamental valor para que os erros não se repitam. Assim, os fatos ruins do passado, ao serem lembrados, nutrem os esforços para mudanças positivas. No caso dos têxteis domésticos, é possível pensá-los de modo a rememorar sua produção e visitar o encarceramento feminino aos âmbitos domésticos, nos trabalhos de linha e agulha, para que haja a promoção da luta pela liberdade feminina.

Compreendemos aqui a importância de se resgatar as memórias como meio de preservação do futuro, e como os patrimônios e bens culturais dão

força a essa tarefa. No entanto, como posto por Lipovetsky (2009), as sociedades hipermodernas rompem cada vez mais as relações com os monumentos que nos poupam do esquecimento e proclamam a perpetuação das tradições. A moda, nesse sentido, é um vasto campo de estudo para entendermos, por meio do descarte de tudo, de modo desenfreado, as mudanças da nova sociedade.

Os artefatos, de acordo com Crane (2006), são partes emblemáticas das tradições e sempre exerceram poder cultural de modo a influenciar o comportamento social. Porém, a tecnologia, que se personifica entre os variados setores da vida contemporânea, tem obscurecido tal exercício de poder que, historicamente, vem guiando a identidade social. O movimento é contrário: o que antes influenciava o comportamento social, hoje é ferramenta manipulável ao gosto da cultura “hipermoderna”.

Os argumentos que embasam a perda das tradições e o consequente desaparecimento de uma identidade cultural refletem a importância de se reviver um passado para que se tomem medidas aos problemas do presente. Ressaltar a necessidade da busca pelos têxteis domésticos e da sua contextualização traz uma conexão necessária para o entendimento dos modos de se pensar a liberdade feminina e ao mesmo tempo de vivenciar as tradições familiares como meio de estabelecer e fortalecer os elos entre as pessoas. Conexão esta que fará sentido ao ser destrinchada a relação do protagonismo da mulher com a decoração da casa.

Memórias de quarto e cozinha: os têxteis domésticos e a cultura feminina

A banalização das vestes da casa teve seu início em meados do século XVIII, passando a dividir as atenções com outros itens decorativos como quadros e relógios. Por volta do fim do período medieval os têxteis domésticos só não superavam, nos inventários familiares, as joias e os objetos de ouro e prata, dado o seu valor econômico e reputação (FERREIRA, 2014). Stallybrass (2008) reflete que os têxteis tem o potencial de guardar o cheiro e a mortalidade humana, enquanto que as joias transcendem essa mortalidade e

depois de passado muito tempo já não podem dizer tanta coisa sobre os donos que acumularam durante a vida.

Mesmo com a banalização, durante o século XIX e até meados do século XX, os têxteis domésticos, principalmente os de tecidos nobres ou enriquecidos com exuberantes trabalhos manuais, constituíam formas de entesouramento, uma herança familiar (FERREIRA, 2014), o que, hoje, não mais se valoriza, dado o desgosto por tudo que esconda um passado (LIPOVETSKY, 2009).

Nesse sentido é que acreditamos na necessidade de abrir as gavetas para sentirmos, no toque dos tecidos, os fatos passados. Os têxteis domésticos são compostos basicamente de roupas de cama, mesa e banho, no entanto as roupas utilizadas nos banheiros não se tornam têxteis a serem preservados por habitarem um local considerado sujo. As de cama e mesa são as que perduram e as que decoram os dois ambientes mais característicos da mulher: quarto e cozinha.

O quarto é o tabernáculo das mulheres, como bem avalia Perrot (2011). Muitos fatores contribuem para encerrá-las ali: a religião, a ordem doméstica, a moral, a decência, o pudor e o imaginário erótico. Recomenda Santo Antônio às mulheres que fiquem reclusas em seus quartos, lugar este em que a gloriosa virgem foi saudada pelo anjo e concebeu o filho de Deus. Por muito tempo o quarto marcou a grande diferença entre homens e mulheres, tornando-se o local no qual a mulher de fato anunciava seu gênero, seja na noite de núpcias ou no ato do parto (PERROT, 2011).

Assim, o quarto deve ser dotado de feminilidade, ser um quarto para o amor, lugar em que a promiscuidade deve ser afastada. Os têxteis floridos que decoram os quartos possuem as flores e a suavidade da aura feminina, constitui no imaginário popular o ícone da delicadeza da mulher religiosa e domesticada. Os lençóis com padronagens geométricas e escuras ainda remetem à mulher pouco feminina, à mulher “moderna” que se desviou dos “bons costumes”.

Enquanto os quartos velam a intimidade, as cozinhas, conforme Rial (1988), são consideradas o espaço de sociabilidade entre as mulheres, lugar

da interação familiar e da exaltação dos dotes culinários femininos. Percebe-se, na cozinha, que os têxteis decorativos portam elementos do campo e da natureza, bem como as temáticas da alimentação; são acolhedores e conduzem a uma nostalgia bucólica. Grande parte das mulheres que viveram ou nasceram em sítios, na década de 1960, ainda que hoje vivam nas cidades, provavelmente não abandonaram seus hábitos e costumes. Donas de um espaço que reúne a família aos domingos, elas preparam os pratos preferidos de cada filho; conseguem demonstrar seu amor pelos membros da família no ato de cozinhar (ASSUNÇÃO, 2007) e promovem a sensação de aconchego com os têxteis que utilizam.

Os adereços têxteis, conforme Ferreira (2014, p.539),

[...] comportam uma série de vantagens, em comparação com outras manifestações artísticas, na medida em que promovem, com grande eficácia e a custos relativamente moderados, cenários acolhedores, requintados e faustosos, protegem do frio e do calor ajudando a estabilizar a temperatura ambiente, são com facilidade transportáveis e de boa manutenção.

Além disso, os têxteis domésticos são uma forma simples e barata de mudar a aparência dos interiores. Para as mulheres, principalmente as que não possuíam muitos recursos financeiros e habitavam o meio rural, o uso dos artigos têxteis no quarto e na cozinha era o modo que encontravam para conferir um novo visual a casa. Se por um lado os homens sempre estiveram incumbidos de prover o sustento da família, as mulheres se ocupavam de decorar o lar como forma de bem cuidar do marido e dos filhos.

Como antes observado, promover tais levantamentos, além de suscitar a consciência de uma história que, ao ser conhecida e refletida, cria novos sentimentos, a história familiar que se desvela nos panos decorativos serve de base para que o sujeito que se encontra nesses tecidos entenda o seu presente e construa sua identidade.

Reaproveitamento: memórias e ideias sustentáveis

A aceleração dos tempos modernos e a hibridização das sociedades faz com que haja perda das tradições e da atração pela busca da história e das raízes (BURKE, 2003). Diamond (2005) nos mostra que sem o interesse pelo passado perigamos cometer os mesmos erros que outras sociedades cometeram no passado e que acarretaram em seu colapso. Voltar o olhar para o passado, e para isso reviver objetos do passado, é um modo de evitar o mal estar que um dia existiu e que não deve se repetir.

A conexão com o passado ainda pode ser feita, no entanto é cabível pensar que, na atual época do descarte, na qual nada é feito para durar, não construímos objetos farão nossa memória perdurar no futuro. Além da massificação e ausência de identidade, as matérias primas utilizadas, principalmente em produtos têxteis, nos levam a questionar a durabilidade no tempo dos artigos que fabricamos (BERLIM, 2012).

A estilista Zuzu Angel, mulher nascida no início do século XX cuja carreira teve seu auge na década de 1960 e início de 1970, é um exemplo a ser seguido de reaproveitamento de têxteis domésticos como meio de dar novos sentidos aos artigos de cama e mesa, de entrar em contato com memórias e de construir uma moda mais sustentável. Ela utilizava artigos como colcha de cama e toalhas de mesa para construir vestidos de noiva. Um vestido com muitas histórias a fim de marcar o início e inspirar uma nova.

Quando uma roupa ou têxtil perpassa gerações, acumula as histórias de seus donos. É o que nos conta Stallybrass (2008, p.24) com a história de uma operária fabril e sua colcha:

Quantas passagens de minha vida parecem estar sintetizadas nesta colcha de retalhos. Aqui estão restos daquela almofada de cor cobre brilhante que enfeitava a cadeira de minha mãe... Aqui está um pedaço do primeiro vestido que vi, cortado de acordo com aquilo que era chamado de "mangas de perna de carneiro". Ele era da minha irmã... E aqui está um fragmento do primeiro vestido que eu tive em forma de corpete; aqui está um fragmento da primeira veste que meu irmão mais novo vestiu quando ele deixou de vestir roupas longas. Aqui está uma peça do primeiro vestido que ganhei com meus próprios esforços! Que sentimento de alegria, de auto-dependência, de autoconfiança foi criado por esse esforço!

Os modelos de reaproveitamento apresentados, colcha de retalhos e construção de vestidos, são apenas alguns exemplos de uma infinidade de opções que a tecnologia da moda e a criatividade permitem criar. A moda como forma de discurso desde sempre é utilizada e construir essa narrativa a partir da reutilização promove um forte discurso sobre memória, mulheres e sustentabilidade: pautas importantes a serem pensadas atualmente.

Considerações finais

Os têxteis são capazes de armazenar em suas tramas as histórias de vida e morte de seus donos. É ainda comum que muitas pessoas se recusem a comprar roupas em brechó ou utilizar roupas de parentes falecidos por acreditarem que uma espécie de alma ainda habita aquelas vestes.

Considerando esse potencial de perpetuação das lembranças, os tecidos que vestem a casa, como artefatos da memória familiar, são vetores de comunicação da memória, que transformados em bens patrimoniais, possibilitam o resgate e a valorização das práticas femininas de produzir, conservar e vestir uma casa.

Utilizar-se desses têxteis para o reaproveitamento, em específico os que fizeram parte da vida de nossas mães e avós na década de 1960, como as peças de enxoval, dialogam e estabelecem nexos entre passado e presente. Reconstroem os fatos que nos trouxeram ao presente, e volta o nosso olhar para a construção do papel feminino, principalmente na sua relação com os cômodos da casa – quarto e cozinha – e com os cuidados dirigidos à família.

A sustentabilidade, como proposta neste texto, vem como consequência, afinal, quando falamos de cuidado e perpetuação, com o que quer que seja, atentos à existência de um futuro prazeroso para as novas gerações em que nossa memória persista, discursamos as práticas sustentáveis e que na moda e em suas ramificações deve ser pensada e realizada.

Referências

AREND, Sílvia Fávero. Trabalho, Escola e Lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Org.). Nova história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2012, p.65-83.

ASSUNÇÃO, Viviane. Comida de mãe: notas sobre alimentação e relações familiares. 2007. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2027/viviane%20kraieski%20de%20assun%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e Família. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2277/1416>>. Acesso em 23 de fev. de 2015.

BERLIM, Lilyan. Moda e sustentabilidade: Uma reflexão necessária. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

BURKE, Peter. Hibridismo Cultural. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; SANTOS, Denise Ondina Marroni. A camisola do dia: Patrimônio têxtil da cultura material nupcial (Rio Grande do Sul, do início a meados do século XX). Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 24, nº 48, p. 305-330, julho-dezembro de 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v24n48/04.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2015.

COSTA, Ricardo. História e memória: a importância da preservação e da recordação do passado. SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, Outubro 2007. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/ricardocosta_artigo.pdf>. Acesso em: 23 de fev. de 2015.

CRANE, Diana. A moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac, 2006.

DIAMOND, Jared M. Colapso: Como as sociedades escolhem o fracasso ou o Sucesso. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FERREIRA, Maria João. Ecos de hábitos e usos nos inventários: os adereços têxteis nos interiores das residências senhoriais lisboetas seiscentistas e setecentistas. MENDONÇA, Isabel; CARITA, Hélder; MALTA, Marize. (Org). A casa senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: anatomia dos interiores. Lisboa: Instituto de história da arte, Rio de Janeiro: Escola de Belas artes, 2014.

HALBWACHS, Maurice. Les cadres sociaux de la mémoire. Paris. Édition Albin Michel, 1925.

LIPOVETSKY, Gilles. O Império de efêmero. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

PERROT, Michelle. História dos quartos. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SIMMEL, Georg. Filosofia da Moda e outros escritos. Texto & Grafia. Lisboa, 2008.

SOUZA, Gilda de Melo e. O espírito das roupas: A moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

STALLYBRASS, Peter. O casaco de Marx: roupas, memória e dor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.